

# REVISTA ADVENTISTA

OUTUBRO DE 1966

Temperança Cristã

«Estando as nuvens cheias, derramam a chuva sobre a Terra...»

Num apelo à Igreja

Toca a Trombeta!

ANO XXVII N.º 241

## CRISTO-REI

A. Casaca

**F**OI por entre as maiores solenidades litúrgicas que se celebraram, recentemente, as cerimônias católicas de Cristo-Rei. Sabemos que durante o seu ministério terrestre, Jesus recusou sempre as honras reais que as multidões entusiasmadas com os seus milagres Lhe queriam dispensar. Logo após o estrondoso milagre da primeira multiplicação dos pães, Jesus retira-se, só, para o monte porque sabia, perfeitamente, «que haviam de vir arrebatá-l'O, para o fazerem rei», conforme nos informa S. João no cap. 6, versículo 15 do seu Evangelho. O Salvador evitou, sempre, qualquer espécie de entendimento neste ponto com os seus concidadãos, precisamente porque não partilhava das ideias do povo judeu acerca da natureza do reino de Deus. Apenas abriu uma excepção, no dia da sua entrada triunfal em Jerusalém, no início da semana da paixão, pois bem sabia que aqueles mesmos que no domingo O aclamavam com saudações reais, também O haviam de apupar e exigir que fosse condenado à morte, cinco dias depois.

Notemos, contudo, que Jesus nunca deixou de afirmar a sua realeza por actos e obras de poder soberano. Contrariamente a todos os reis e governadores deste mundo que apenas exercem o seu poder relativamente aos corpos, o Senhor Jesus imperava à própria natureza física e até aos próprios espíritos maus que obedeciam às suas ordens. Era um reino totalmente diferente dos reinos deste mundo. Por isso declarou, solenemente, diante do representante do governo romano que o seu reino não era deste mundo.

Se Jesus Cristo — escreve Ed. de Pressensé — não entra de uma maneira retumbante na sua realeza senão depois da sua ressurreição, contudo nunca deixou de ser rei, num sentido espiritual. Tanto a sua divindade como a sua realeza se encontravam veladas; tinha-lhes voluntariamente amortecido o esplendor pelo seu rebaixamento.

O Rei da glória tinha tomado a forma de servo, mas sob essa forma de servo, nem por isso deixava de ser o Rei da glória. Por isso nos é dito que os espíritos celestes, cujo olhar não pode ser nem obscurecido nem enganado pelas aparências, O adoravam no próprio momento das suas maiores humilhações. Foi adorado pelos anjos no deserto da tentação. Em mais de uma circunstância a sua realeza brilhou como se fora animado por um vivo e rápido relâmpago.

Mas foi, de facto, no fim do seu ministério que o Salvador fez brilhar as provas da sua realeza. Pela sua ressurreição foi estabelecido Filho de Deus e Senhor dos vivos e dos mortos (Rom. 14:9).

Subindo, depois, ao céu, ali recebeu a confirmação da suprema dignidade, conforme nos diz o Apóstolo na sua carta aos Efésios: «Deus manifestou a operação da força do seu poder em Cristo, ressuscitando-O dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus... e sujeitou todas as coisas a seus pés, e sob todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja.» (Ef. 1:20 e seg.).

O nosso divino Salvador está aguardando, ansiosamente, a chegada daquele grande dia — o seu dia, o dia da Sua gloriosa Volta — para mostrar a toda a humanidade a culminância dos seus atributos de Rei, no exercício do poder judicial. Ao som da trombeta apocalíptica, Jesus tomará posse do seu ceptro e entra, efectivamente, no seu reino, mediante o julgamento.

Se amamos, realmente, o nosso Salvador, temos de nos esforçar por Lhe proporcionar o ensejo de que venha, o mais depressa possível, na plenitude do seu poder majestático, exercendo as funções de juiz de toda a humanidade.

Congratulamo-nos com o nosso bendito Salvador, que é o nosso Rei e trabalhamos, afanosamente para que em breve Ele volte triunfante, na sua missão real de Juiz Supremo de todos os homens.

## SUMÁRIO

Cristo-Rei  
Página Editorial  
Temperança Cristã  
Dormindo no Senhor  
Ecos do Acampamento de 1966  
«Estando as nuvens cheias, deramando a chuva sobre a Terra...»  
Memória sobre os nomes Geográficos da Bíblia relacionado com a África  
Num apelo à Igreja  
Toca a Trombeta!  
O Auxiliar da Escola Sabatina

OUTUBRO DE 1966

ANO XXVII N.º 241

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,  
J. M. MATOS, M. MIGUEL,  
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETARIA: UNIÃO PORTUGUESA  
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFACIO, 17 - LISBOA

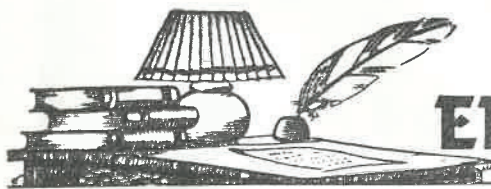
Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA  
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



## Página EDITORIAL

Prezados Irmãos e Irmãs:

É meu privilégio trocar convosco, nesta página, da nossa *Revista Adventista*, algumas considerações, o que muito me alegra e conforta. Conto, como sempre, com o vosso bom acolhimento.

### Semana de Oração

Já se encontra, decerto, nas vossas mãos, o número de Novembro da *Revista Adventista*, consagrado, integralmente, à Semana de Oração. Torna-se um verdadeiro imperativo a aquisição deste número da *Semana de Oração*, da parte de todos os nossos prezados Irmãos e Irmãs que sabem ler. Mesmo que um ou outro não possa ler, ainda assim, deveria adquiri-lo, para o entregar a qualquer vizinho, conhecido ou amigo, com o pedido de lhe fazer as leituras. Talvez fosse o princípio do chamado para Deus, dessa alma!

É necessário que sigamos a *Semana de Oração*, pelo menos lendo as suas comunicações, nas nossas casas, em família, se de todo não pudermos assistir na igreja, às reuniões. E se fosse esta a nossa última Semana de Oração?...

### Esforço de Evangelização

Vai principiar, dentro em breve, o Esforço de Evangelização. É um privilégio que o Senhor nos con-

cede o de podermos participar, seja de que maneira for, nesta abençoada campanha.

Ninguém se deve dar por escusado, pois há lugar e ocupação para todos.

Se não sabemos o que poderemos fazer neste Esforço de Evangelização, falemos com o Pastor da nossa igreja, pois ele bem sabe o que vos convém fazer.

Sabemos que Jesus se aproxima, cada vez mais; Ele conta connosco, com a nossa colaboração.

Iremos defraudar a esperança que Ele deposita na nossa colaboração?...

### A Devoção Matinal

Será bom não esquecer que os livros da Devoção Matinal devem ser encomendados com boa antecedência. Vai sendo tempo de irmos pensando em os adquirir, nomeadamente a publicação brasileira dos comentários. Também é conveniente irmos pensando na renovação das nossas assinaturas da *Saúde e Lar* e da *Revista Adventista* ou de as pedirmos, se ainda as não temos.

Nenhum lar adventista deve estar privado das nossas revistas.

A. Casaca



# Temperança Cristã

Se abriremos um dicionário no artigo «Temperança», encontraremos: «qualidade ou virtude de quem é moderado nos apetites e paixões; sobriedade». É este o conceito de temperança que se tem no mundo: moderação ainda com tolerância nos desejos depravados; admissão de certos vícios conquanto se evitem excessos; legitimar apetites pervertidos desde que estes não vão longe demais. Admitir este conceito não seria contemporizar com o mal e manter a porta aberta à devassidão? Esta tal temperança seria mais uma maldição que uma bênção, e mal lograria o seu lugar na senda da perfeição cristã.

Felizmente, Deus tem um ideal bem mais elevado para o seu povo, e é este que devemos atender. Que diz a Bíblia desta tão mal conhecida virtude?

No Antigo Testamento, não se fala muito em temperança propriamente dita. Não citaremos aqui as admoestações dos autores inspirados acautelando quanto ao vinho: o conceito bíblico de temperança não diz só respeito ao vinho, mas é bem mais amplo e abrange *todos* os domínios da vida, relacionando-se muito estreitamente com a espiritualidade.

Em Provérbios 16:32 fala-se do valor do homem que *governa* o seu espírito. O verbo empregado aqui no original, *mechal*, significa: dominar, travar, segurar, controlar. Aqui temos já uma ideia de verdadeira temperança: não se limita ao controle da capacidade de beber, ou na indulgência do comer, (Prov. 23:1) mas pelo domínio do espírito, o poder de controlar toda a vida.

No Novo Testamento prossegue esta mesma ideia de *domínio próprio* quanto a temperança. O termo grego *egkrateia* ou seus derivados dão bem esta ideia. (Ver Actos 24:25; Gál. 5:23; II Ped. 1:6; Tito 1:8. É ainda o verbo derivado do vocábulo acima, *egkrateuomai*, que é mencionado em I Cor. 9:25 a propósito do treino integral do atleta cristão na corrida para vida eterna: «Todo aquele que luta de tudo se abstém.» Não é apregoadado aqui um uso moderado do que possa

prejudicar, mas sim *total abstinência!* Não é tolerar o mal até o limite da perda do domínio, mas antes bani-lo para manter uma posse perfeita.

## Os danos pavorosos da intemperança

A intemperança entrou já no Jardim do Eden, apossou-se da mente de Adão e Eva, fez-lhes perder o o domínio que receberam do Criador, e com ele o Paraíso. «Pela tentação em condescender com o apetite, Adão e Eva caíram do seu elevado estado, feliz e santo. E é pela mesma tentação que a raça humana se tornou enfraquecida. Consentiram que apetite e paixão neles fossem entronizados e que tanto a razão como o intelecto a estes fossem sujeitos.» E. G. White, *Testimonies*, vol. 3 p. 139.

Pela intemperança desprezou Esaú a sua primogenitura, e perdeu uma vida de bênçãos. Intemperança foi o pecado de Israel no deserto. Pereceram frustrados no ermo, enquanto os aguardava, em Canaã, vida repleta de satisfação, de plena possessão dos bens desta vida, para não falar nos do porvir. «*Não refrearam o seu apetite*» (Sal. 78:30). O domínio sobre o apetite era a fronteira que deviam atravessar. Ficaram aquém, permanecendo no terreno amaldiçoado do inimigo, e ali pereceram.

Estes apetites desregrados não se limitaram à antiga dispensação. Na Igreja de Corinto, a Ceia do Senhor ameaçava degenerar em orgia (I Cor. 11:20-22) profanando o que é sagrado e obliterando a espiritualidade.

Mas para ver realmente o que custou a intemperança, é preciso avaliar o preço pago para vencê-la. Vamos para isso a um árido monte do deserto de Judá. Aí está o Segundo Adão, Jesus, o amado Salvador, para reconquistar o domínio que perdeu o Primeiro. «Durante quarenta dias jejuou e orou. Fraco e emagrecido pela fome, macilento e extenuado pela angústia mental o Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que outro qualquer,

e a Sua figura mais do que a dos outros filhos do homem» (Is. 52:14). «Para Cristo, como para o santo par do Eden, foi o apetite o terreno da primeira grande tentação».

«Do tempo de Adão ao de Cristo, a condescendência própria havia aumentado o poder dos apetites e paixões, tendo eles domínio quase ilimitado.» E. G. White, *O Desajudado de todas as Nações*, p. 82.

Ele estava aí para vencer «As irrefreadas satisfações da inclinação natural e a consequente enfermidade e degradação» id. p. 86.

## A vitória

Esta luta no deserto para a reconquista do domínio perdido foi titânica. Talvez só na eternidade poderemos realizar o que ela foi. Tão tremenda foi que «Havendo partido o adversário, Jesus caiu extenuado por terra, cobrindo-Lhe o rosto o calor da morte... Resistira à prova... Jazia ali como moribundo.» (Id. p. 91.)

Eis o que custa, irmão, qualquer condescendência tua, para lá da vontade de Deus, e que arrisca a nossa liberdade. E é para nos permitir vencer que Ele travou aquela batalha. «Únicamente pela inexprimível angústia suportada por Cristo podemos avaliar o mal de irrefreada satisfação própria. O seu exemplo nos declara que a nossa única esperança de vida eterna, é manter os apetites e paixões sob sujeição à vontade de Deus...» «Nosso Senhor nos preparou o caminho para a vitória.» «O que está lutando contra o poder do apetite olhe o Salvador no deserto da tentação.» Id. p. 86. Bem podia Ele dizer: «Eu venci o mundo» (João 16:32) e do príncipe das trevas: «ele nada tem em mim» (João 14:30).

Compreendemos então que o ministério da *Temperança* transcende muito para além do domínio do comer e do beber. Estes são, de facto, domínios importantes que têm grande influência sobre o carácter, o comportamento e na vida espiritual; mas a temperança como domínio próprio, abrange bem mais além. Aquele que se entrega à ira perdeu o seu domínio próprio. Já não é temperante. Transgrediu o

( Continua na pág. 24 )

# Dormindo no Senhor

A 17 de Setembro calma e quietamente, como fora a sua vida, adormeceu no Senhor o dilecto Irmão Pastor Alberto F. Raposo.

Era um dos pioneiros da Obra de Deus, em Portugal. Mesmo no meio da enfermidade que, nos últimos tempos de vida o minava, o Pastor Raposo mostrou-se, sempre, o mesmo homem de vida interior, intensa, consagrada, unida fortemente a Deus.

Desempenhou, várias vezes o elevado cargo de Secretário-Tesoureiro da União Portuguesa; pastoreou várias igrejas, no Continente; dirigiu algumas das nossas missões ultramarinas; reitorou e professou no Seminário de Portalegre; foi director da Escola Rádio-Postal, manejando, sempre, até aos seus últimos dias, a palavra e a pena.

Pregador sóbrio e consciencioso, os seus cultos timbravam pela unção espiritual, olhando só para o Mestre que ele desejava infundir no auditório. Profundo conhecedor dos escritos da Irmã White, era continuamente consultado para a resolução de casos de ordem teológica moral ou denominacional. Publicou várias obras — algumas de polémica — mostrando, em todas elas, os seus grandes e sólidos conhecimentos, que o tornavam uma autoridade.

O seu rosto, onde rebrilhavam uns olhos de amistosa simpatia, iluminava-se de um sorriso encantador, quando falava da bem-aventurada esperança, que foi sempre a sua razão de viver e pregar a Mensagem do Advento.

O seu funeral constituiu uma eloquente demonstração de quanto era querido e apreciado por todos quantos o conheciam.

O corpo foi transportado para a igreja da Rua Joaquim Bonifácio. Antes do saimento e com o vasto salão repleto de familiares, Irmãos na Fé, amigos e conhecidos, o Director da União Portuguesa, Pastor Casaca, circundado de todos os Obreiros da Conferência traçou as notas biográficas do Pastor Raposo, salientando a sua fé profunda e a sua esperança indefectível nas promessas do Salvador, terminando por declarar que, em seu nome pessoal, no dos Obreiros e no dos restantes Irmãos se associava ao desgosto da Família Raposo, salientando, porém, que em breve todos teríamos a ventura de nos encontrarmos, na manhã gloriosa da ressurreição.

No cemitério, o préstito fúnebre levou à frente, flanqueando o ataúde, todos os Obreiros da Conferência Portuguesa, seguindo-se os Familiares e demais participantes.

Antes de baixar à terra, falou o Pastor Laranjeira que salientou os sentimentos cristãos que sempre animaram o falecido, e que fazem daquele momento doloroso da separação, apenas um lapso de tempo para nos encontrarmos com o Redentor.

A última prece pronunciada pelo Pastor Pires foi um verdadeiro bálsamo no coração de todos os presentes ao sublinhar que, sobrepondo-se ao legítimo desgosto dos que ainda ficam despertos, refulge a discreta alegria da bem-aventurada esperança que nos trará, em breve, o nosso divino Salvador, para nos levar consigo para o Pai celestial.

O Pastor Alberto F. Raposo aguarda, no sepulcro, o chamado do Redentor, quando voltar em glória, para cuja Volta o nosso saudoso Irmão tanto trabalhou, sofreu e orou, durante a sua laboriosa vida, dedicada ao serviço do Mestre.

Com a sua extremosa Família, também a *Revista Adventista* condivide a sua saudade e aguarda, igualmente, a Vinda gloriosa do Salvador para entrarmos, jubilosos, no Reino eterno.





Mais um ano decorre, e nele se realizou o tão recordado Acampamento M. V., que teve lugar, novamente, no belo local — da Figueira da Foz.

Foi dirigido superiormente, pelo Pastor A. Baião, tendo como adjunto o evangelista Eduardo Graça. O administrador foi o Pastor J. J. Pires. A preceptora a irmã M. Augusta Pires e o preceptor o irmão Arnaldo Macedo.

O grupo juvenil esteve a cargo das irmãs M. Rosa Baptista e Esmeralda Ferreira.

O chefe da cozinha foi o tão conhecido irmão M. Sala, tendo como auxiliares os irmãos Francisca e António, de Pero Negro e o Márinho, irmãos que se esforçaram para nos preparar as mais apetitosas refeições.

Como é de calcular, havia um horário a cumprir, para que tudo corresse da melhor forma. Às 7,30 horas, escutávamos alguns coros que nos ajudavam a despertar; faziam-se algumas arrumações e preparávamo-nos para a Devoção Matinal, que tinha o seu início às 8,15, a qual era seguida do Pequeno Almoço.

Às 9 horas, os Serviços das Classes Progressivas; era ver os vários grupos espalhados pelo campo, estudando e aprendendo os diversos requisitos exigidos a cada jovem.

Seguiam-se os momentos tão desejados — a praia — que tinha lugar às 10 horas. Regressávamos e às 13 h era o almoço, seguido das limpezas e dos momentos de repouso.

Às 15 h, realizava-se o Período Bíblico, que tinha como tema: «ENTREGA O TEU CAMINHO AO SENHOR...» Salm. 37:5.

Das 16 h às 19 h, era o período de recreio; realizávamos alguns jogos e depois tempo livre.

Às 19 h o almejado jantar, seguido das arrumações.

Às 20,30 efectuava-se o estudo da lição da Escola Sabatina.

As reuniões da noite tinham o início às 21 h (reuniões espirituais, culturais e sociais).

Como visitantes, tivemos o pre-

sidente da União, Pastor A. Casaca e o Sec.-Tesoureiro Pastor D. Vasco.

Temos a salientar a boa camaradagem e o espírito que reinou entre todos os jovens.

Como de costume, havia revisão de tendas todas as manhãs; era de admirar os cuidados que todos os jovens prestavam, até os mais pequenos, para que a sua tenda fosse a mais apreciada, e, portanto, a melhor classificada.

O dia 13, foi um dia memorável. Era Sábado, e às 9,30 tivemos uma classe de monitores, dirigida pelo secretário do departamento da E. Sabatina, Pastor D. Vasco. Às 10 h iniciou-se a Escola Sabatina; estavam connosco numerosas visitas e prezados irmãos de diversas igrejas, que nos quiseram dar o prazer da sua companhia. (Os pequeninos e os juvenis tiveram a sua classe em separado). Cerca das 11 h, teve lugar o culto solene dirigido pelo Pastor A. Casaca, apelando para que os jovens fizessem a sua entrega total ao Senhor, a que muitos jovens responderam.

Pelas 16 h. realizou-se uma sessão baptismal — 5 valorosos jovens, entregaram o seu coração a Jesus. Foram eles: Graça Maria A. da Silva, M. José Mendes, Ataíde Candeias, Fernando Casaca e António J. Laranjeira; que o Senhor os possa abençoar grandemente.

Neste acampamento efectuaram-se três concursos Bíblicos:

O primeiro realizado para os jovens, com prémios oferecidos pelo irmão Santiago; o segundo para os juvenis e o terceiro para os mais pequenos.

Realizaram-se também os exames das classes progressivas e as respectivas investiduras.

A antecipar o acampamento M.V. 1966, houve um curso de dirigentes; que os jovens que estiveram presentes, possam ser úteis nas suas igrejas.

Mas chegou o momento mais triste! ... A separação; a partida. Mas era preciso. Alguns jovens entoavam o hino de despedida. «Nós voltaremos.» Que o Senhor nos ajude, prezados jovens, a ser um

Estando a trabalhar numa cidade um colportor teve a oportunidade de visitar o escritório de uma grande firma.

Dirigindo-se a dois senhores que se encontravam a conversar saudou-os com um «Boa tarde». Pediu-lhes desculpa de os interromper e permissão para apresentar o que o levava ali. Logo lhe foi concedida. Explicou-lhes da melhor maneira possível os livros, e ao findar, o mais jovem dos ouvintes disse-lhe que não se interessava, pois não tinha tempo. Depois de ter refutado várias objecções, o colportor conseguiu duas encomendas: uma do senhor mais novo, e a outra do seu companheiro.

Depois o mais jovem fez várias perguntas ao colportor. Há quantos anos o senhor trabalha nesse serviço? Quantas terras conhece? É casado? Quantos filhos tem? Quanto ganha por mês? O colportor respondeu às perguntas feitas; então aquele senhor perguntou-lhe ainda se não gostaria de arranjar um trabalho melhor, e acrescentando, disse: O senhor está falando com o gerente da firma. Caso queira, posso arranjar-lhe um trabalho nesta casa, como agente. Já de início o senhor receberá um bom ordenado, terá uma percentagem nas vendas, a diária paga e transporte pago pela firma. Se aceitar, depois da amanhã venha cá.

O colportor despediu-se deles, e o inimigo das almas, tentando-o, fê-lo meditar sobre a oferta que lhe tinha sido feita. Nesse dia ao relatar a alguns irmãos da igreja o sucedido e pedindo-lhes conselho, todos o aconselharam a que, uma vez que tinha êxito e o Senhor o estava abençoando no trabalho de casa em casa, não devia trocar o trabalho da colportagem por qualquer outro mundano.

(Continua na pág. 11)

bom elemento, e que possamos contribuir juntamente para abreviar a vinda do nosso Amado Salvador, e então se cumprirá a promessa: «... E virei outra vez! ...»

Esmeralda

# «Estando as nuvens cheias, derramam a chuva sobre a terra...» (Ecl. 11:2)

As vendas e as experiências dos colportores, no passado mês de Setembro, podem ser comparadas a uma verdadeira trovoadas em que os estrondos (experiência) e as batedeiras de água (vendas) desabavam inesperadamente e cada vez com mais intensidade.

Tanto no plano colectivo como no individual, este mês de Setembro de 1966, foi o melhor deste ano e de todos os tempos na história do nosso Departamento em Portugal. Pela primeira vez as nossas vendas, num mês, se elevaram a 194 contos; pela primeira vez, também, dois colportores, no continente, realizaram vendas, num mês no valor de 17 000\$00. Estes resultados são magníficos e mostram-nos as grandes possibilidades que estão à nossa frente.

Dos 2 309 livros vendidos, no referido mês, uma parte deles são livros religiosos, contendo a nossa mensagem para os nossos dias, e outros, em maior quantidade, são livros de educação. É com estes livros de educação que se cumpre a profecia de Malaquias anunciadora da obra que «converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos aos pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição» (Malaq. 4:6). A impressão causada nos lares pela visita do colportor, pela literatura deixada e pelas orações feitas em favor das almas angustiadas, levará muitas pessoas a pensar seriamente no seu destino eterno.

Precisamos de tornar a experiência deste mês de Setembro, numa experiência efectiva, constante na nossa vida de crentes, de colportores, de igreja. Deus está ansioso por derramar sobre o seu povo a prometida «chuva serôdia», que levará a termo a sua Obra na terra. «Ponham de parte os cristãos toda dissensão, e entreguem-se a Deus para a salvação dos perdidos. Com fé peçam a Deus a benção prome-

tida, e virá. O derramamento do Espírito nos dias dos apóstolos foi a «chuva temporã», e glorioso foi o resultado. A chuva serôdia será mais abundante, porém. Qual a promessa para os que vivem nos derradeiros dias? — «Voltai à fortaleza, ó presos de esperança; também hoje vos anuncio que vos recompensarei em dobro». «Pedi ao Senhor chuva serôdia: O Senhor, que fez os relâmpagos, lhes dará chuvereiro de água, e erva no campo de cada um» (Zac. 9:12; 10:1) — *Test. V. III pág. 211.*

O E. de Profecia nos diz ainda que no céu se acham armazenados ricos tesouros, que Deus deseja pôr à disposição dos seus filhos. Precisamos de orar e de trabalhar para auferir deles na nossa vida. Todos têm um lugar nesta obra de evangelização pela literatura. Precisamos das orações de toda a igreja, mas isso não nos basta. Deus espera que muitos irmãos e irmãs deixem os seus trabalhos seculares e que se consagrem também a esta obra.

Sòmente uma pequena parte da humanidade vem às nossas igrejas; devemos ir ao seu encontro levar-lhes a mensagem do terceiro ano a mensagem de arrependimento e de salvação. Deus não nos chama para a miséria, mas chama-nos tanto para o progresso espiritual, como material. Deus sempre foi um bom patrão; a experiência deste mês mostra-nos uma vez mais que Deus não quer ver os colportores e suas famílias passar privações, mas quer ver aumentados os proventos de cada um. Deus cuida de nós e segreda-nos: «Amado, desejo que te vá bem todas as coisas, e que tenhas saúde assim como bem vai à tua alma» (III João 2).

Esperamos muito em breve poder contar com um maior número de colportores saídos das nossas igrejas para poder levar a nossa mensagem, pelos livros e revistas, a muitas mais almas, que esperam sòmente ser avisadas e esclarecidas.

Vosso no Mestre  
J. Dias

## CALENDÁRIO ADVENTISTA

### 4.º TRIMESTRE

<b>Outubro</b>	1 — Dia Missionário e Oferta 8 — Dia de Visitas à Escola Sabatina 15 — Dia das Relações Públicas 22 — Dia da Temperança e Oferta 29 — Educação Cristã e Oferta para as Escolas Primárias
<b>Novembro</b>	5 — Dia dos Pregadores Voluntários e Oferta para a Sociedade Missionária 5-12 — Semana de Oração e Sacrifício 19 — Dia da Revista Adventista
<b>Dezembro</b>	3 — Dia Missionário e Oferta 17 — Dia de Baptismos 24 — 13.º Sábado 31 — Educação Cristã e Oferta para as Escolas Primárias

# VENDAS DE SETEMBRO

COLPORTORES	LIVROS				Janeiro a Setembro		
	Horas	N.º	VALOR	Revistas	Total	Horas	TOTAL
<b>ACREDITADOS</b>							
Joaquim Abreu . . . . .	114	90	10.580\$00	280\$00	10.860\$00	859	46.562\$00
João Borges . . . . .	128	135	9.640\$00	366\$00	10.006\$00	1.073	73.794\$00
Arlindo Bastos . . . . .	172	119	8.310\$00	1.692\$00	10.002\$00	874	41.723\$00
Maria de Fátima . . . . .	175	107	9.540\$00	—	9.540\$00	1.182	49.620\$00
B. Magalhães . . . . .	129	100	7.466\$00	647\$00	8.113\$00	486	32.686\$00
A. Curado . . . . .	172	94	7.200\$00	570\$00	7.770\$00	1.172	43.761\$00
M. Custódio . . . . .	154	107	5.380\$00	410\$00	5.790\$00	1.231	51.089\$00
Alice Esteves . . . . .	123	82	5.130\$00	546\$00	5.676\$00	773	30.583\$00
Isaías da Silva . . . . .	150	51	2.400\$00	1.782\$00	4.182\$00	1.230	29.577\$00
Luis Ribeiro . . . . .	168	55	4.370\$00	262\$00	4.632\$00	1.221	28.220\$00
Luiza Trindade . . . . .	136	75	4.010\$00	—	4.010\$00	902	32.400\$00
António de Jesus . . . . .	128	45	2.870\$00	852\$00	3.722\$00	1.148	39.345\$00
Isabel R. Silva . . . . .	45	9	410\$00	420\$00	830\$00	788	15.952\$00
Total . . . . .	1.794	1.069	77.306\$00	7.827\$00	85.133\$00	12.939	515.311\$00
<b>AUTORIZADOS</b>							
A. Mota Pinto . . . . .	185	74	5.585\$00	1.395\$00	6.980\$00	389	12.176\$00
Ricardina Lopes . . . . .	127	28	1.870\$00	810\$00	2.680\$00	1.046	23.504\$00
A. Tomás . . . . .	40	26	1.560\$00	—	1.560\$00	859	32.890\$00
Total . . . . .	352	128	9.015\$00	2.205\$00	11.220\$00	2.264	68.570\$00
<b>ESTAGIÁRIOS</b>							
Joaquim Cardoso . . . . .	89	23	1.425\$00	95\$00	1.520\$00	728	14.418\$00
Carlos Zeferino . . . . .	10	7	325\$00	15\$00	340\$00	10	340\$00
Manuel Mendes . . . . .	40	3	200\$00	—	200\$00	40	200\$00
Total . . . . .	139	33	1.950\$00	110\$00	2.060\$00	770	14.958\$00
<b>ESTUDANTES</b>							
Arnaldo Martins . . . . .	246	240	17.570\$00	—	17.570\$00	315	21.550\$00
Natividade Lopes . . . . .	176	251	17.320\$00	—	17.320\$00	415	31.227\$00
M. Almeida . . . . .	200	175	13.110\$00	1.062\$00	14.172\$00	429	25.963\$00
J. Casaquinha . . . . .	166	83	6.015\$00	864\$00	6.979\$00	278	9.853\$00
Moisés Silva . . . . .	123	55	5.630\$00	120\$00	5.750\$00	518	19.815\$00
Tito Falcão . . . . .	26	24	4.500\$00	360\$00	4.860\$00	261	20.164\$00
J. A. Vieira . . . . .	124	64	4.115\$00	—	4.115\$00	386	16.580\$00
Daniel Silva . . . . .	78	33	2.960\$00	652\$00	3.612\$00	470	27.180\$00
Jorge Dias . . . . .	83	39	2.850\$00	18\$00	2.868\$00	154	10.078\$00
Raquel Gomes . . . . .	33	34	2.300\$00	—	2.300\$00	149	5.705\$00
Fraga Gomes . . . . .	50	21	1.430\$00	180\$00	1.610\$00	244	5.818\$00
Gilberto Abella . . . . .	—	—	—	—	—	112	2.320\$00
Samuel Passos . . . . .	—	—	—	—	—	140	1.785\$00
Carlos Casaca . . . . .	—	—	—	—	—	83	5.170\$00
Artur Simões . . . . .	—	—	—	—	—	69	788\$00
Total . . . . .	1.305	1.019	77.810\$00	3.356\$00	81.186\$00	4.023	220.438\$00
<b>OCASIONAIS</b>							
Cirílio Pais . . . . .	66	15	910\$00	246\$00	1.156\$00	311	11.511\$00
Lucinda Cardador . . . . .	80	6	248\$00	408\$00	656\$00	95	776\$00
Lourdes Gama . . . . .	13	2	140\$00	270\$00	410\$00	212	5.868\$00
J. Martins Júnior . . . . .	9	7	245\$00	30\$00	275\$00	154	4.336\$00
Rosa Marques . . . . .	—	—	—	—	—	123	2.914\$00
Diversos . . . . .	757	30	2.679\$00	9.192\$00	11.871\$00	3.640	95.623\$00
Total . . . . .	925	60	4.222\$00	10.146\$00	14.368\$00	4.429	121.059\$00
TOTAL GERAL . . . . .	4.515	2.309	170.303\$00	23.644\$00	193.947\$00	24.450	954.745\$00
<i>TOTAL em Setembro de 1965</i>							
	3.121	2.513	133.438\$00	15.302\$00	148.740\$00	23.254	807.655\$00



# Memória sobre os nomes

## Geográficos da Bíblia

### relacionados com África

PRF. J. A. MORGADO

(Continuação do número anterior)

Sobre *Pitom*, «era uma cidade armazém, construída pelos escravos hebreus durante o período da opressão egípcia (Êxodo 1:11). Foi identificado como sendo a actual Tel al Maskhûtsh, no Mâdi-Tâmillât.» SDA Dictionary. Situa-se pois a meio do actual canal de Suez. Foi encontrada uma inscrição em que diz que os «Pr» trabalharam na construção da cidade. Por «Pr» os egípcios designavam os semitas. Segue-se a cidade de Ramsés. Sobre esta cidade foi encontrada a descrição dum jovem aluno, que deixou para a posteridade aquilo que viu, quando a visitou no seu apogeu: «Vim a Pi-Ramsés, a favorita de Amon, e vejo que é maravilhosa. Uma cidade soberba, sem igual. Fundou-a o deus Ra segundo o plano de Tebas. Permanecer nela é levar uma vida magnífica. Os seus campos oferecem uma grande variedade de coisas boas. Recebe diariamente provisões frescas e carne. Os seus lagos estão cheios de peixes, as lagoas povoadas de aves, as superfícies dos seus prados estão cobertas de ervas verdes e os seus frutos têm um sabor a mel, nos campos bem cultivados. Os seus armazéns estão repletos de trigo e cevada, erguem-se para o céu. Há cebolas e alhos porros para os guisados e romãs e azeitonas e figos nas hortas. Vinho doce de Kendkem de sabor melhor que o do mel. O braço do delta Shir-Mor produz sal e salitre. Os navios passam continuamente. Todos os dias há manjares frescos e cabeças de gado abatido. É uma delícia viver neste lugar. Ninguém diz: queira Deus. As pessoas modestas vivem como potentados. Celebramos ali as festas divinas e o começo das estações. (A Bíblia tinha razão, p. 107). Eis como os Israelitas mais tarde, no meio do deserto tentavam Moisés, ao lembrar o que tinham deixado ficar atrás

#### O caminho do Êxodo até ao Mar Vermelho

No livro do Êxodo é-nos dito que os filhos de Israel, partiram de Ramsés para Sucote (Êxodo 12:37); de Sucote para Etã, à entrada do deserto (Êxodo 13:20), depois seguiram a Pi-Hairote entre Migdol e o mar, diante de Beal-Zefom (Êxodo 14:2).

*Ramsés*. «Nome de uma cidade do Egipto situada na parte mais fértil do país (Gén. 47:11), na terra de Gosen. Por ordem de Faraó, José localizou ali a seu pai e seus irmãos.» Conforme já vimos foi construída pelos escravos Judeus, e daqui os filhos de Israel partiram para Canaan (Êxodo 12:37; Números 33:35). Alguns textos Egípcios da 20.<sup>a</sup> dinastia mencionam a cidade pelo nome de *pr-R'ms'*, a casa de Ramsés com a cidade residência de Ramsés II. Alguns egiptólogos identificam-na com Avaris, a capital dos Hiksos, mais tarde chamada Tanis ou Zoan, outros identificam-na com Quantin, cerca de 17 milhas sudoeste de Sãn el Hagar. SDA Dictionary. *SUCOTE* nome do primeiro acampamento dos Israelitas depois de saírem de Ramsés (Êxodo 12:37; 13:20; Números 35:5,6. O nome de Sucote parece ser modificação da palavra Thuku com que os Egípcios denominavam a cidade civil que circundava os templos sagrados de Pitom. «Dicionário Bíblico de John Davis». Actualmente identifica-se com a cidade fronteira de Theku — Tell Maskhûtali, no Mâdi-Tumillât. *ETÃ*, «nome do primeiro acampamento dos Israelitas depois de saírem de Sucote, deixando o Egipto. Ficava no extremo do deserto, Êxodo 13:20. Números 33:6. Não era o caminho directo para a terra dos filisteus-Êx. 13:7. Este nome estendia-se a uma porção do deserto de

Sur». Dicionário Bíblico de John Davis. *PI-HAIROTE*. Considera-se este nome de origem hebraica, com o sentido da entrada das cavernas; diz Brugsch que se refere a um atoleiro ou pântano a que os gregos chamaram Báratro, no fundo do qual, jazia o monstro Tifon. No entanto foi mais tarde identificado como Pikershet ou ou Pikeheret fronteiro a Pitom. Faraó possuía ali uma fazenda, e por isso os tradutores da Bíblia para o Grego, em vez de dizerem defronte de Pi-Hairote, escreveram «defronte da fazenda». *Migdol*. Tratava-se de uma torre perto da qual os Israelitas acamparam quando eles deixavam o Egipto. Está situada perto do Mar Vermelho, e provavelmente não era uma cidade, mas uma torre do sistema de fortificação do Egipto, da fronteira ocidental. *Baal-Zefon*. O nome aparece num passo aramaico como referindo-se a um deus. O lugar da sua identificação parece ser Tahpanhes, actualmente Tel Defneh, não muito longe de Tania.

*OS MARES*. Depois do uso da terra como meio de ligação com a África, devemos localizar os mares que a Bíblia cita, e que estão em volta da África. Em Números 34:6 e Jeremias 15:47, é citado o mar grande que serviria de fronteira ocidental à terra de Canaan e que tem sido identificado como o Mar Mediterrâneo, é também citado como o mar Ocidental em Rut Deut. 11:24; Juizes 2:20 ou mar dos filisteus. Êxodo 23:31.

Outro mar, ligado à África e a que as Sagradas Escrituras se referem é o Mar Vermelho — Êxodo 15:4,22; Êxodo 10:19; Êxodo 33:10,11 etc. Sobre ele é dito o seguinte: «A navegação por este mar é sempre um tanto perigosa, por causa das repentinas mudanças de



## Falecimento

Depois de prolongada enfermidade do coração que a ia enfraquecendo pouco a pouco, finou-se na manhã do dia 6 de Julho e tranquilamente, a irmã Áurea da Conceição de Carvalho. Foi baptizada em Portalegre no dia 9 de Novembro de 1958 e contava 73 anos de idade.

Ao seu marido e viúvo, nosso amigo e que tomou o compromisso de entregar à Igreja o mesmo que a esposa costumava entregar, vai regularmente cada Sábado entregar a sua oferta, desejamos as bênçãos do Senhor e o conforto da Sua Palavra.

vento e da violência impetuosa da sua força. As viagens de um extremo a outro, são geralmente morosas por causa dos ventos que sopram na parte norte em direcção ao sul, durante nove meses no ano; e na parte sul, sopram para o norte em igual período. Além disto, os navegantes têm que estar sempre alerta por causa dos recifes de coral e das pequenas ilhas que em vários lugares afloram à superfície das águas» Dicionário Bíblico, John Davis.

Foi neste mar que Salomão levantou o poderoso porto de *Ezion-Geber* (II Crónicas 8:17). Ali se construíam também os navios para viagens longas, e ao mesmo tempo era o centro da indústria do cobre. «Os filhos de Israel nunca tinham navegado por mar e não entendiam nada de construções navais. Mas os Fenícios possuíam uma prática de centenas de anos. Salomão, mandou, pois, vir de Tiro os construtores navais e os marinheiros (I Reis 9:27). Os documentos fenícios confirmam plenamente este intercâmbio de especialistas do mar.» (*A Bíblia tinha razão*, p. 192). Ali chegavam riquezas fabulosas como nos é citado: «ouro, prata, marfim» (I Reis 10:22); ouro (I Reis 9:26-28); madeira de almuge e pedras preciosas (I Reis 10:11,12).

(Continua no próximo número)

## Classes Progressivas

Com a presença do secretário dos M.V., para a Conferência — Pastor A. Baião e do Evangelista Daniel Cordas, como seu colaborador, estiveram em Portalegre nos dias 8, 9 e 10 de Julho, para presidirem a uma Classe de Investidura das Classes Progressivas e um Curso de Dirigentes.

Com a colaboração do Pastor Lourinho que explicou a História da Denominação, 12 jovens e Adultos fizeram o seu exame de dirigentes, cujos testes foram na tarde de Domingo, dia 10.

Nessa mesma tarde os jovens fizeram os seus testes de Amigos e Companheiros.

Num programa variado, no Domingo à noite, depois de exame público, foram condecorados com o seu distintivo, 9 na classe de Amigos e 3 na classe de Companheiros.

Um coro a 4 vozes organizado para o efeito, constituído por jovens

## VIRAM O SEU ANJO

A ajuda dos anjos de Deus no trabalho do colportor é tão real como o ar que respiramos. As pessoas não o sabem explicar, mas sentem a grata influência do anjo que vai com o colportor, e com frequência vêem esse anjo. Eis um caso típico:

Num entardecer, um colportor chegou a certa casa de campo. Do portão até à casa havia uma certa distância. Ao abrir o portão o colportor viu que os donos entravam em casa. Quando chegou à porta e chamou, de dentro a senhora disse: «Entrem.» O colportor estranhou que a senhora falasse no plural para ele entrar. Após os cumprimentos, a senhora perguntou-lhe:

— Onde ficou o seu companheiro?

— Faz quinze dias que nos separámos, respondeu o colportor.

— Não, acrescentou a senhora, onde ficou esse homem vestido de branco que vinha com o senhor agora, quando abriu o portão? Sabíamos que os senhores estavam

e adultos, cantou 2 hinos no Domingo à noite e um no culto do dia de Sábado.

A Juventude e a Igreja de Portalegre ficaram agradecidos ao Pastor Baião, pelas palavras de encorajamento e entusiasmos para a Juventude e o apelo de consagração a todos os presentes ao Ir. Daniel Cordas pela sua colaboração de música e conselhos aos Jovens.

## Baptismos

No Sábado dia 6 de Agosto realizaram-se na Igreja de Portalegre os baptismos de três jovens, sendo 1 de Comenda, 1 de Santo António e 1 de Ribeira de Niza. Também no Acampamento foi baptizado o jovem Ataíde Alves Candeias, de Angola, que reside temporariamente em Portalegre, foi agregado a esta Igreja.

Aos leitores da Revista Adventista, pedimos que orem pelas Igrejas desta zona e pelas almas que lutam contra o mundo e se entreguem de todo o coração ao Senhor.

Vosso em Cristo  
Francisco Cordas

por aqui. Estávamos à vossa espera e ao vê-los chegar, entrei para preparar a mesa para os dois.

— Nisto chegou o esposo daquela senhora que confirmou as suas palavras, dizendo:

— Eu também vi os dois e entrei para preparar as camas para que passem a noite aqui. Faz alguns dias que soube que os senhores andavam por esta zona. Eu devia ir à cidade, mas adiei a viagem, esperando a vossa visita.

Assim o Céu honra e bendiz o colportor. Os anjos de Deus se comprazem em acompanhar e ajudar os colportores, e quando é necessário, tornam-se visíveis aos homens.

Não existe maior satisfação do que trabalhar em união com os anjos de Deus. Por isso todo o colportor se sente animado, sustido pela distinção de trabalhar para Deus, pelo privilégio de ir acompanhado do poder celestial.

O Senhor Jesus necessita de centenas e milhares de colportores mais que ajudem a terminar a Sua obra nos poucos dias de graça que restam.

N. C.

# UM APELO À IGREJA

por ROBERT H. PIERSON

Presidente da Conferência Geral

(Palavras proferidas na reunião de encerramento da 50.<sup>a</sup> sessão da Conferência Geral, em 25 de Junho de 1966).

Suponho que nenhum outro homem teve tanta influência na minha vida como W. A. Spicer. Ele era membro da igreja de Takoma Park na altura em que ali fui pastor, há já bastantes anos. Quando o visitava em casa, costumava ouvi-lo dizer a mesma frase que muitos de vós nesta congregação o ouviram dizer também: «A família adventista do sétimo dia é uma boa família à qual é um privilégio pertencer.»

Esta família está espalhada por todo o mundo. Meu coração sentiu-se tocado durante estes dias à medida que eu circulava entre os delegados desta grande sessão. Tive o privilégio de orar com muitos de vós quer no meu escritório quer nos corredores, e certamente concordo com o Pastor Spicer que a família adventista é de facto uma grande família à qual é um privilégio pertencer.

Esta não é uma família norte-americana, ou europeia, ou asiática ou africana. O nosso programa é mundial. Temos a mesma devoção, a mesma comissão, o mesmo objectivo. Dirigimo-nos todos para Sião. E sinto-me feliz por termos na Palavra de Deus a bem-aventurada certeza de que esse objectivo vai ser atingido.

As palavras que são tão caras aos corações de cada adventista do sétimo dia são as palavras do Salvador quando disse que este evangelho do reino seria pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações e então viria o fim. Por vezes o progresso pode parecer lento nalguns dos grandes países e áreas da terra. Na Ásia Meridional, no Médio Oriente e em certas secções da Europa, as coisas parecem caminhar devagar. Satanás pode levantar barreiras; pode erguer obstáculos; pode despertar o espírito de oposição e até de perseguição; pode procurar subjugar com desânimo

os mensageiros de Deus; pode suscitar ódio, contenda e guerra.

Mas, irmãos e irmãs, o Salvador dá-nos a preciosa certeza de que este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo. Esta mensagem triunfará. Esta é a certeza que nos dá o nosso Deus. Ele prometeu. Um apelo à Igreja e a Sua palavra não pode nem há-de falhar.

Se quereis ler a narrativa inspirada do triunfo do Movimento Adventista, buscai comigo as palavras do discípulo escritas na Ilha de Patmos e registadas em Apocalipse 7:9: «Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos.»

Irmãos e irmãs, isto não é um quadro de fracasso ou derrota. O povo de Deus vai estar ali, vindo da Ásia, da África, da Europa, da Austrália, da América do Norte, da América do Sul, da Inter-América, das ilhas do mar. Que glorioso quadro de progresso e vitória nos é aqui apresentado pelo servo de Deus!

Ao partirmos desta grande sessão, desejo que consideremos a fórmula para uma obra *terminada*, para o triunfo final deste Movimento. Encontro-a, procedente da pena inspirada, na *Review and Herald*, de 15 de Dezembro de 1885. Disse a serva de Deus: «Quando o poder divino se combinar com o esforço humano, a obra estender-se-á como o fogo de uma queimada.»

Desejo que noteis que são essenciais dois requisitos para a terminação da Obra. Primeiro, o poder divino; segundo, o esforço humano. Quando estes dois factores se combinam, os resultados são certos. Isto é o que desejamos ver durante o próximo quadriénio — um derramamento do Espírito de Deus e um grande impulso para a frente.

Em que consiste este poder divino? A serva do Senhor diz em *Testemunhos para os Ministros*, pág. 512: «Não podemos depender da forma ou do maquinismo eterno. O que precisamos é da vivificadora influência do Espírito Santo de Deus.» Aquilo de que mais necessitamos no mundo, meus irmãos, é de uma nova provisão do poder do Espírito Santo.

Enfrentamos muitas necessidades como obreiros e dirigentes através de todo o mundo. Necessitamos de mais obreiros, necessitamos de mais orçamentos, necessitamos de mais equipamento, necessitamos de mais edifícios, necessitamos de milhares de coisas, mas acima de tudo necessitamos entre nós de uma despertadora influência do Espírito nas nossas vidas. Podemos possuir erudição, talento, eloquência, todas as qualidades naturais e adquiridas, mas — diz-nos a serva do Senhor — sem a presença do Espírito de Deus nenhum coração será tocado, nenhum pecador ganho para Cristo. Podemos voltar para os nossos campos com as melhores resoluções jamais produzidas por uma sessão desta natureza, e apesar disso não cumprir a comissão que Deus nos atribuiu. A nossa obra seria ineficaz sem a presença do Espírito Santo.

O Pentecostes não é um luxo espiritual, é uma necessidade absoluta; não é um adorno, é um equipamento essencial. Não é algo que possamos tomar ou deixar, é indispensável na nossa experiência. A escolha que está perante a igreja de Deus, meus irmãos, é: o Pentecostes ou o fracasso.

E como me sinto feliz ao pensar que para Deus não há fracasso. O derramamento da chuva serôdia vai efectuar-se. O Senhor o prometeu. Podemos deixar esta grande sessão ouvindo soar aos nossos ouvidos a promessa de que nos será concedido o poder da chuva serôdia.

Mas o povo de Deus deve pagar um preço pelo dom do poder do Céu. A serva do Senhor diz que «se o nosso povo continuar na ati-



tude distraída em que tem estado, Deus não pode derramar sobre ele o Seu Espírito». Há uma obra que necessita de ser feita. Há um preço que tem de ser pago, e esse preço é uma submissão completa — sincero arrependimento pelo pecado e uma consagração total. Nada menos do que isso bastará. Se vós e eu esperamos ser os recipientes do poder da chuva serôdia, temos de pagar o preço. Não há lugar para fanatismo na igreja remanescente de Deus, mas há amplo lugar para vidas mais piedosas e para mais fervorosa busca de Deus do que nunca dantes nestes dias finais da história da terra.

A serva do Senhor diz que não só devemos buscar e esperar o poder divino, mas que o esforço humano é essencial. Isto é parte da fórmula de Deus. O Espírito Santo é-nos dado, como a dedicados membros da família de Deus, para a terminação da Obra. Como lemos em Actos 1:8, o Espírito foi dado a fim de nos outorgar poder para testemunharmos. Tudo o que os apóstolos fizeram, deve fazer hoje cada membro de igreja.

Oh, irmãos, que espectáculo os adventistas do sétimo dia seriam para o mundo se sássemos com o poder do Pentecostes, se empenássemos a tarefa inacabada e fizéssemos as mesmas obras que os apóstolos fizeram! Temos a preciosa certeza de que ao deixarmos este lugar podemos orar para que as janelas do céu se abram e seja nosso o poder da chuva serôdia.

Quando Deus derrama o Seu Espírito sobre os homens, eles operarão: proclamarão a Palavra do Senhor; levantarão a sua voz como uma trombeta. A serva do Senhor diz isso em *Testemunhos para os Ministros*, pág. 411.

E eu desejo fazer soar um clamor que seja ouvido em todo o mundo, desde Murmansk até ao Estreito de Magalhães, desde Londres a Tóquio, desde Nova York a Los Angeles, e esse clamor é: «Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com teu Deus». Essa preparação inclui um reavivamento da piedade primitiva, que resulte na recepção do poder pentecostal da chuva serôdia. Inclui também um despertamento de serviço consagrado que eclipsará tudo o que a igreja primitiva e a

igreja remanescente tenha jamais experimentado.

Neste dia do poder de Deus a igreja deve despertar. Obreiros e membros devem despertar, e a igreja deve revestir-se primeiro das vestes da justiça do seu Senhor e responder então à comissão do seu Senhor — responder à ordem de marcha. Desejo chamar todos os obreiros e membros da igreja para os seus postos de actividade ao voltarmos os olhos para os nossos campos. Desejo fazer soar uma nota de evangelismo total — evangelismo de cada departamento, de cada instituição, de cada obreiro, de cada membro.

O tipo de evangelismo que visio não consiste apenas em pregar do púlpito às multidões num esforço público. O meu conceito de evangelismo nestes dias finais inclui as nossas escolas; inclui o trabalho em favor de nossos jovens, o trabalho pela Escola Sabatina e pelos nossos colportores, pelas nossas instituições médicas — toda a gama de trabalho denominacional.

Devemos todos obedecer às ordens de marcha. A Igreja de Deus deve estar em marcha. A Igreja Adventista do Sétimo Dia deve ser uma igreja em marcha. Diz-se acerca de dois dirigentes do mundo antigo, que depois de Êsquines, grande orador grego, ter falado, o povo o rodeou e disse: «Como falaste bem», mas depois de Demóstenes ter terminado o seu discurso, o povo disse: «Marchemos».

Não cobiço nenhum aplauso humano para a minha pequena contribuição para esta grande sessão. Não desejo que ninguém venha e me diga:

«Como falaste bem»; mas oro para que Deus pelo Seu Espírito Santo desperte a centelha que acenda um fogo nos corações de nossos obreiros de todo o mundo de tal maneira que cada membro seja levado a clamar: «Marchemos!»

Marchemos primeiro, irmãos e irmãs, para o pé da cruz, e ali, sinceramente arrependidos e com profunda contrição, submetamo-nos ao Homem do Calvário. Depois marchemos para o Cenáculo, onde em calma confiança possamos ser cheios do poder pentecostal.

Nossos corações e nossos ossos necessitam de ser cheios de fogo —

do fogo que desce do céu como desceu o fogo de Elias, que nos inflame ao voltarmos para os nossos campos. Então, irmãos, marchemos para os lugares onde ainda não penetramos. Marchemos até aos confins da terra com corações cheios de amor de Cristo e com uma paixão pelas almas que nunca cesse deste lado do reino.

Marchemos e continuemos a marchar até que a última fortaleza do paganismo e da incredulidade tenha sido derrubada. Marchemos até que o estandarte do nosso Rei vindouro tenha sido arvorado vitoriosamente em cada país e minúscula ilha — no mais distante recanto da terra. Marchemos e continuemos a marchar até que as portas do Paraíso se abram perante nós.

Oh, irmãos e irmãs, dirigentes e membros da igreja remanescente, respondamos à voz de Deus — ao apelo do Espírito Santo. É um apelo para a primitiva piedade, para o viver pentecostal. É um apelo para renovada acção da chuva serôdia. Então cumprir-se-á a preciosa certeza de que «quando o poder divino se combinar com o esforço humano, a obra estender-se-á como o fogo de uma queimada». Que o Senhor apresse esse dia.

## EXPERIÊNCIA DA COLPORTAGEM

(Continuação da pág. 5)

Nessa noite enquanto dormia teve um sonho. Sonhou que caminhava numa estrada muito larga, quando de repente ela se dividia em dois caminhos. Não sabia qual dos dois deveria seguir. Pensou um pouco. Resolveu seguir o da esquerda. Não andou muito e o caminho terminou. Ele queria voltar e não podia. Nisto acordou.

Orou a Deus, agradecendo-lhe a resposta obtida.

Deitando-se novamente teve outro sonho. Colportava numa cidade. Estava contente.

O colporteur pôde compreender que Deus o queria como um mensageiro da página impressa e não como um agente de qualquer firma mundana.

O servo do Senhor rejeitou aquele emprego e continuou como obreiro do Mestre, a fim de levar o conhecimento da Verdade a outros que não conheciam a Jesus.

J. S.





*Os primeiros operados ao coração, no Hospital Adventista do Paquistão*

## Introdução

Não é vulgar o facto de nós tocarmos a trombeta para alardear os nossos feitos; temos, porém, um caso especial que bem justifica uma certa publicidade, muito embora, modesta, mas digna. É interessante notar que uma Igreja tão pequena como a nossa, contando apenas um milhão e meio de membros, possa sustentar um tão grande trabalho médico-missionário. Mas as modestas dimensões da nossa Igreja e as suas enormes actividades médicas são factos inegáveis que bem merecem ser devidamente conhecidos.

As primeiras pessoas que têm obrigação de conhecer estes serviços médico-missionários, somos nós mesmos. Temos de conhecer toda a extensão e utilidade do auxílio que os nossos hospitais e clínicas, os nossos médicos e enfermeiras estão prestando a milhões de pessoas — sim — a milhões de pessoas em muitos cantos deste nosso mundo tão necessitado.

Depois de nós, outros — os nossos vizinhos, outras igrejas, as autoridades, os médicos — todos eles necessitam de conhecer o esforço e o contributo dos Adventistas, tanto dentro como fora da Europa.

E quando o grande público puder conhecer o ministério médico da nossa Igreja, porventura poderá perguntar visivelmente interessado: «Mas como é isto possível?» «Por que é que os Adventistas fazem isto?» E, então, quando se formu-

lam estas perguntas, abrem-se as portas para uma frutuosa discussão acerca das nossas convicções religiosas.

As páginas que se seguem com as fotografias fornecidas pela Conferência Geral vão-nos fornecer alguns factos básicos relacionados com o aparecimento e desenvolvimento do ministério médico Adventista. Apresentam uma leitura fascinante para todos os que amam a sua Igreja. Pedimos, pois, aos nossos prezados leitores que lhes dediquem a sua melhor atenção.

*B. E. Seton*

*Ex-Secretário do Departamento Médico da Divisão Sul-Europeia.*

## POR QUE UMA MENSAGEM SANITÁRIA PARA UMA IGREJA?

No início do século dezanove e, mesmo antes, era comum a falta de saúde. A falta das mais simples medidas de ordem sanitária contribuíam, seriamente, para tal estado de coisas.

Até mesmo a moda feminina (cintas de vespa e saias a varrer as ruas) o receio do ar da noite, comidas excessivamente condimentadas, «tabaco, rum e carne de porco», nascentes de água conspurcada e outras condições alheias a toda a higiene, tudo isto contribuía para a falta de saúde. Por volta do ano de 1860, alguns movimentos de

reforma sanitária começaram a despertar e a fazer-se sentir nos Estados Unidos. Precisamente, desde esse tempo, também, o Movimento Adventista começou a salientar a importância da reforma sanitária; foi motivado pela crença de que conseguir uma boa saúde é um *dever religioso*.

## Bases Escriturísticas

Para os Adventistas do Sétimo Dia, o passo da Primeira Epístola aos Coríntios, cap. 6, versículo 19 e 20 é uma clara direcção para uma vida saudável: «Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus».



*A Irmã White, pioneira da Reforma da Saúde*

# A A TROMBETA!

## Um Comentário

Os Adventistas do Sétimo Dia têm comprovado um facto assombroso: O povo que acredita que os seus corpos pertencem a Deus cuidam mais deles do que os que supõem que esses mesmos corpos lhes pertencem absolutamente. — (*Bootton Herndon, The Seventh Day, McGraw-Hill*).

## Sublinhando a Sagrada Escritura

Ellen G. White, dirigiu-se aos dirigentes Adventistas em 1863, dizendo que Deus a tinha claramente instruído no sentido de que: «era um dever sagrado cuidar da saúde». O objecto de uma vida saudável, diz ela: «não é, apenas, ter saúde, mas tender para a perfeição e para o espírito de santidade, que não se podem atingir com corpos e mentes doentes».

## Estabilidade da Mensagem Sanitária em 100 anos

Sem qualquer preparação médica especial, e, apenas, com uma pequena educação formal, Ellen G. White expôs os princípios sanitários, 10, 25, 50 e 75 anos antes das declarações positivas da ciência.

## Nenhum Mistério

Para os Adventistas do Sétimo Dia isto não constitui nenhum mistério. Acreditamos que a iluminação da Irmã White procedeu, directamente de Deus, a fonte de todo o conhecimento.

## Livros

Para um completo estudo dos escritos da Irmã White sobre a saúde, recomendamos as seguintes obras: *Ministério da Saúde. Uma Chamada para o Evangelismo Mé-*

*dico, Conselhos sobre a Dieta e Alimentos, Ministério Médico e Verdadeira Temperança.*

## Maio de 1866

Na Assembleia da Conferência Geral, em Battle Creek, Michigan, a Irmã White apresentou uma mensagem entusiástica a favor da reforma sanitária. Depois desta mensagem, os delegados votaram os meios necessários para a realização de um grande programa a favor da reforma sanitária, começando com um jornal e uma instituição de saúde.

## Agosto de 1866

Em Agosto, deste mesmo ano, foi publicado o primeiro número do jornal da reforma sanitária. Subordinado ao título «O Reformador da Saúde» este jornal defendia fortemente os princípios básicos da dieta e da higiene que veio a caracterizar o movimento da reforma sanitária na Igreja Adventista.

## Setembro de 1866

A 5 de Setembro de 1866, o Instituto de Saúde, de Battle Creek abriu as suas portas e recebeu cinco



O Cap. Leslie examina a perna de um rapaz, a bordo do «Luzeiro II»





O Hospital Adventista ultra-moderno, Charles Kettering em Dayton, Ohio

doentes. Partindo de pequenos e modestos princípios «dois médicos, dois assistentes, uma enfermeira (sem prática), três ou quatro auxiliares, um doente», o Instituto foi prosperando até alcançar fama mundial. Durante 32 anos, sob a administração da igreja, e durante outros 35 anos, fora dessa administração, o Sanatório de Battle Creek, como é designado, recebeu doentes de todas as partes dos Estados Unidos — chegando a ter, ao mesmo tempo, três mil doentes.

### O berço da indústria cerealífera

Foi no Sanatório de Battle Creek em 1890 que o Dr. John Harvey Kellog procedendo a experiências no sentido de obter melhor paladar para refeições destinadas ao pequeno almoço adentro do regime vegetariano, verificou que fervendo trigo conseguia obter os famosos flocos, que foram o início da indústria cerealífera do trigo que veio alterar o pequeno almoço de milhões de pessoas, dando-lhes mais saúde.

### Um Movimento de Reforma Sanitária

Assim começou, pois, o Movimento Adventista da Reforma Sanitária, advogando o vegetarianismo, numa época em que a carne era o ingrediente principal de muitas dietas; advogando a abstinência total das bebidas alcoólicas, de nar-

cóticos, de estupefacientes e de todos os estimulantes, quando a causa a favor da temperança apenas se fazia sentir no Movimento Adventista, cujos ecos, por esse mundo fora tinham pouca ressonância; advogando a necessidade do ar puro e do exercício ligeiro para os convalescentes, quando se pensava comumente que tais elementos deviam ser tentados com muito cuidado; advogando os remédios naturais de preferência às drogas, num tempo em que a morfina e o ópio se receitavam livremente; advogando o não fumar, por motivos de saúde, embora ainda não tivessem sido observadas ligações entre o fumar e as doenças. Na verdade, a Mensagem Adventista a favor da Saúde foi um movimento de «reforma».

### Breve História do Trabalho Médico Adventista no decorrer de um século

1866 — A Conferência Geral votou a realização de um forte trabalho médico. A primeira publicação concernente à saúde foi o REFORMADOR DA SAÚDE que apareceu em Agosto. No dia 5 de Setembro entrou o primeiro doente no Instituto Adventista da Saúde, em Battle Creek.

1876 — O Dr. J. H. Kellog foi nomeado director dos serviços clínicos do Instituto Adventista da Saúde, cargo que desempenhou durante 65 anos.

1878 — Formou-se a primeira Organização Oficial Adventista da

Saúde, tendo como presidente o Dr. Kellog.

1883 — Abriu no Sanatório Adventista de Battle Creek a Primeira Escola Adventista de Enfermagem. Foi seu fundador e director o Dr. Kate Lindsay.

1889 — O Dr. Kellog fundou a Primeira Escola para treino de pessoal médico, sendo denominada Escola Missionária de Saúde e Temperança.

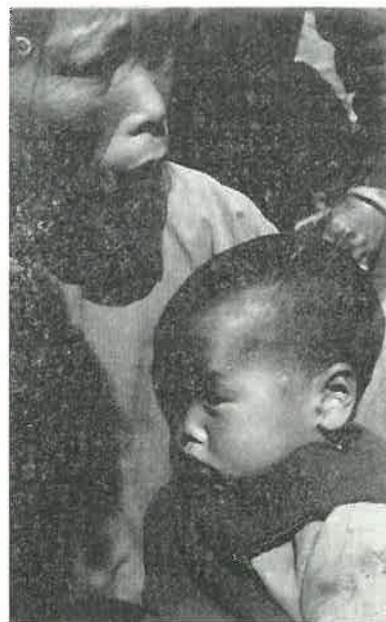
1890 — O primeiro navio-missionário, «The Pitcairn» partiu para a ilha do mesmo nome no Sul do Pacífico. Os missionários levaram consigo alguns medicamentos simples; não foram nem médicos nem enfermeiros.

1893 — Iniciou-se em Chicago o primeiro serviço médico de caridade, pela Igreja Adventista.

1894 — O primeiro médico-missionário, Dr. Lille Wood partiu para Guadalajara, no México, onde se estabeleceu o primeiro dispensário fora dos Estados Unidos.

1896 — O primeiro colégio médico missionário abriu com 41 estudantes. Conhecido pelo nome de Colégio Médico-Missionário Americano esta Escola formou 200 médicos durante 14 anos que funcionou.

1905 — Foi publicado o livro da Irmã White, intitulado «Ministério



Mãe e filho, em Hong Kong procuram tratamento na lancha-médica Adventista «Sea-Light»



da Saúde», que é uma verdadeira enciclopédia Adventista da Saúde. Embora tenha sido escrito há mais de sessenta anos, a verdade é que este livro é de interesse actual e palpitante.

Foi publicado em 22 línguas diferentes.

1905 — As actividades da saúde e médicas da Igreja Adventista do Sétimo Dia foram centralizadas no Departamento Médico da Conferência Geral.

1907 — A Universidade de Loma Linda, o centro adventista para a educação médica na América do Norte, inaugurou o Colégio de Loma Linda para Evangelistas, que mais tarde se tornou no Colégio de Médicos-Evangelistas.

1915 — Morre Ellen G. White com a idade de 88 anos. No ano seguinte abriu o Hospital White Memorial, em Los Angeles, que actualmente dispõe de 308 camas para doentes.

1913 — A primeira lancha-médica adventista construída e dirigida por Leo B. Halliwell, começou o trabalho nas águas do Amazonas, no Brasil. Presentemente, há 14 destas lanchas na América do Sul.

1947 — Foi organizada a Sociedade Americana de Temperança, de acordo com as normas de temperança da Igreja.

1953 — Abriu na Universidade de Loma Linda a Escola de Dentistas.

1966 — A Igreja Adventista do Sétimo Dia comemora o centenário do seu trabalho médico.

## O OBJECTIVO ACTUAL DA OBRA MÉDICA

### Hospitais

Num total de 128 hospitais, regista-se anualmente, o movimento de 415 000 doentes e o número de dois milhões de tratamentos a não-doentes, hospitais estes que se encontram nos seguintes países: Estados Unidos, Austrália, Inglaterra, África, Tailândia, Indonésia, Equador, Alemanha, Filipinas, Líbia, Argentina, Brasil, Ilhas de Salomão, Suécia, Bolívia, Chile, Perú, Índia, Finlândia, Suíça, Islândia, Paquistão, México, Nicarágua, Canadá, Paraguai, Nova Guiné, Malaia,

Trindade Vietnam, Coreia, Dinamarca, Nepal, Noruega, Taiwan e Japão.

### Clínicas

Nas zonas onde as necessidades físicas do povo não podem ser satisfeitas com hospitais, a Igreja estabelece clínicas ou dispensários para os remediar. Um total de 146



*Aparelho para massagens hidroterápicas no Hospital Adventista de Chicago*

clínicas e dispensários fora dos Estados Unidos é atendido por médicos e enfermeiros adventistas, ministrando para cima de um milhão de tratamentos por ano.

### O trabalho das lanchas

Clínicas móveis transportando médicos e enfermeiros fazem tratamentos naquelas regiões onde as populações não podem dirigir-se a dispensários. Dezanove lanchas-médicas percorrem o Amazonas, os Mares do Sul do Pacífico e navegam ao longo da costa da Colúmbia Britânica. O capitão da lancha-médica, Leslie Scobield Júnior, que comanda o *Luzeiro II* ao longo do rio São Francisco, no Brasil, tratou para cima de 95 000 casos, em 1965, incluindo 12 000 extracções de dentes e 5 000 chapas de Raios-X.

### Aeroplanos

A obra médico-missionária da Igreja Adventista está a ser rapidamente secundada mediante o trabalho de aeroplanos. Na América do Sul, o aeroplano de uma das nossas igrejas salva dezenas de vidas, todos os meses, correndo em socorro de doentes. O aeroplano de uma missão na Nova Guiné realiza também um notável trabalho através de terrenos inacessíveis.

### Missionários Médicos

Realizando a obra médica da Igreja há para cima de 17 000 empregados que a ela dedicam todo o seu tempo. Presentemente, um corpo de 150 médicos trabalha para a Igreja, como missionários, fora dos Estados Unidos. O total do corpo missionário, incluindo pessoal não-médico e não-americanos é de 2300. Sabe-se que entre seis missionários-médicos protestantes, dos Estados Unidos, um é Adventista do Sétimo Dia.

### A indústria de alimentos saudáveis

Procedente da indústria cerealífera para o pequeno-almoço, de Battle Creek, uma cadeia mundial de companhias de alimentação, reforçadas por dezenas de ramificações oficiais e de centenas de centros distribuidores, fornece alimentos saudáveis aos Adventistas e a quem os quiser adquirir, com substitutos de carne tudo devidamente controlado.

### O auxílio médico

Através da obra sanitária da Igreja, foram distribuídos, em 1965, para cima de 500 000 dólares em medicamentos. Quando uma forte polioepidemia rebentou no Burundi, em Março de 1965, um pedido de socorro lançado através do Posto Emissor de Amadores Adventista, solicitando uma poliovacina foi prontamente atendido. Cinco mil ampolas de vacina foram transportadas imediatamente por avião para as primeiras necessidades, seguindo-se segunda e terceira remessas de vacinas, mais tarde.

(Continua na pág. 24)

# TEMPERANÇA CRISTÃ

(Continuação da pág. 3)

VI mandamento. (Mat. 5:22). Qualquer vício praticado é perda deste mesmo domínio. Aquele que tem ambições desmedidas para além do domínio que Deus lhe outorga falhou na temperança; o amor ao mundo conquistou-o; já não é senhor de si, e já não se conforma com a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rom. 12:2). O que cobiça está na mesma situação. E será difícil, em tal estado de espírito, louvar a Deus com gratidão, do que se infere que temos transgredido os quatro primeiros mandamentos! Sem verdadeira temperança, estamos perdidos.

Todos nós temos progressos a realizar neste domínio. Mas temos um Salvador poderoso, o qual já venceu, e a Sua vitória será nossa se a soubermos e a quisermos procurar. Teremos que completar a nossa conversão por uma entrega diária ao Senhor. Isto requer muita oração. A nossa consagração permitirá ao Senhor recuperar o domínio perdido. E será Cristo a viver em nós, Cristo o vencedor e o maligno vencido. O povo de Deus que se prepara para a Vinda do Senhor terá que ser tão sóbrio como Elias antes de ser arrebatado. Será então cumprida a promessa: «A ti virá, sim, a ti virá o primeiro domínio, o Reino da filha de Jerusalém.» Miq. 4:8.

*José Abella*

# TOCA A TROMBETA!

(Continuação da pág. 15)

## SUMÁRIO ESTATÍSTICO DA OBRA MÉDICA ADVENTISTA

(1964)

Total de membros da Igreja . . . . .	1.508.056
Países com trabalho Adventista estabelecido . . . . .	189
Hospitais e Sanatórios . . . . .	128
Clínicas e Dispensários . . . . .	146
Casas de Repouso e Orfanatos . . . . .	35
Lanchas-Missionárias . . . . .	19
Companhias de Alimentos Saudáveis . . . . .	15
Escolas de Enfermagem . . . . .	34
Enfermeiros graduados em Junho de 1964 . . . . .	586
Obreiros trabalhando nas Instituições Médicas . . . . .	17.517
Médicos Missionários-Adventistas . . . . .	150
Doentes tratados durante o ano de 1964 . . . . .	415.604
Tratamentos ministrados em 1964 . . . . .	3.479.529

## CONCLUSÃO

Os factos que ficam mencionados e os números apresentados mostram um magnífico relatório de que nos podemos orgulhar...

Mas, necessitamos de mais qualquer coisa do que nos sentirmos satisfeitos; necessitamos de uma lealdade activa que possa apoiar vigorosamente o programa médico-missionário da Igreja.

Por isso, prezados Irmãos e Irmãs, ajudem-nos a expandir o serviço que está sendo efectuado dentro da nossa Divisão.

Entremos em contacto com todos os médicos e enfermeiros adventistas, porquanto desejamos estabelecer uma estreita e vital camaradagem entre os nossos médicos e enfermeiros. E nas nossas orações não nos esqueçamos de incluir o bom trabalho que está sendo efectuado nos nossos hospitais e clínicas, para que também este serviço apresse a Vinda do Salvador, o nosso Grande Médico.

*Departamento Médico  
da  
Divisão Sul-Europeia*